

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE ANGICOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025.1)**

**AS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE:
UMA ANÁLISE À LUZ DA LITERATURA ACADÊMICA**

**CHILDHOOD MEMORIES IN THE CONSTRUCTION OF TEACHER IDENTITY: AN
ANALYSIS IN THE LIGHT OF ACADEMIC LITERATURE**

Cláudia Regina de Oliveira Pereira¹

Evanilson Gurgel de Carvalho Filho²

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso traz uma discussão acerca da construção da identidade do/a professor/a a partir de suas memórias de infância. Com base nisso, este artigo se justifica por interesse próprio desta autora, a qual desde a infância já visava atuar na docência e, com o passar do tempo, as memórias de infância fortaleceram ainda mais essa decisão. Logo, tem-se como objetivo geral investigar de que maneira as memórias de infância contribuem na construção da identidade docente. A metodologia de pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, cuja base de dados utilizada foi a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Os resultados aqui apresentados são baseados nos estudos realizados e publicados por Ana Priscila de Lima Araujo Azevedo e Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida (2021), Arlete Vieira da Silva (2015), Maria do Socorro Castro Hage e Marina Graziela Feldmann (2015),

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos). E-mail: claudia.pereira@alunos.ufersa.edu.br

² Professor Orientador, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos). E-mail: evanilson.gurgel@ufersa.edu.br

Elcimar Simão Martins, Elisangela André da Silva Costa e Maria Socorro Lucena Lima (2021), Adriana Salete Loss (2015), e Flávia Miller Naethe Motta e Isabele Lacerda Queiroz (2015). Constatou-se que a construção da identidade docente está intimamente conectada às memórias de infância, conforme confirmado pelos autores em destaque, nos seus estudos. Além disso, é importante ressaltar a importância da prática docente para a (re) construção e fortalecimento de sua identidade profissional, considerando o fato de que, as experiências vivenciadas dentro e fora da sala de aula são fundamentais para a concretização deste processo.

Palavras-chave: Identidade; Memórias; Infância; Docente; ANPEd.

ABSTRACT

This final project discusses the construction of teacher identity based on childhood memories. Based on this, this article is justified by the author's own interest, as she aspired to teaching since childhood, and over time, her childhood memories further strengthened this decision. Therefore, the overall objective is to investigate how childhood memories contribute to the construction of teacher identity. The research methodology is characterized as bibliographic, and the database used was the National Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPEd). The results presented here are based on studies conducted and published by Ana Priscila de Lima Araujo Azevedo and Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida (2021), Arlete Vieira da Silva (2015), Maria do Socorro Castro Hage and Marina Graziela Feldmann (2015), Elcimar Simão Martins, Elisangela André da Silva Costa, and Maria Socorro Lucena Lima (2021), Adriana Salete Loss (2015), and Flávia Miller Naethe Motta and Isabele Lacerda Queiroz (2015). It was found that the construction of teacher identity is closely connected to childhood memories, as confirmed by the highlighted authors in their studies. Furthermore, it is important to highlight the importance of teaching practice for the (re)construction and strengthening of one's professional identity, considering the fact that the experiences lived inside and outside the classroom are fundamental for the realization of this process.

Keywords: Identity; Memories; Childhood; Teacher; ANPEd.

1 INTRODUÇÃO

O referido trabalho traz uma discussão acerca da construção da identidade do/a professor/a a partir de suas memórias de infância. Tal temática desencadeou uma discussão a fim de identificar quais são as relações possíveis entre memória e identidade e, se estas podem influenciar na construção da identidade docente. No tocante, afirma-se que tal relação foi constatada, na literatura analisada.

Com base nisso, este trabalho se justifica por interesse próprio desta autora, a qual desde a infância já visava atuar na profissão docente e, com o passar do tempo, as memórias fortaleceram ainda mais essa decisão. Tanto, que nos dias atuais está concluindo o curso de Pedagogia para iniciar uma carreira docente, em sala de aula, cujas memórias influenciaram, diretamente, para esta escolha e, conseqüentemente, para a construção da identidade desta futura professora. Logo, tem-se a seguinte problemática: Por que estudar as memórias de infância na formação docente é relevante hoje?

As memórias de infância desempenham um papel fundamental na formação da identidade docente. Ao revisitarmos essas lembranças, muitos questionamentos sobre nossas escolhas e trajetórias são esclarecidos. No meu caso, ao olhar para o passado, percebo que, mesmo antes de compreender plenamente o que significava escolher uma profissão, o desejo de ser professora já se manifestava nas minhas vivências infantis. Nas brincadeiras de faz de conta, especialmente nas “escolinhas” que criávamos ao lado da casa dos meus avós, eu assumia o papel de professora junto às minhas amigas, evidenciando um processo inicial, ainda que inconsciente da construção identitária. Além disso, outras experiências marcaram esse percurso, como o envolvimento com a catequese na Igreja Católica, onde atuava como catequista e desenvolvia atividades educativas com crianças menores. Essas vivências, que se iniciaram na infância e se consolidaram ao longo da vida, especialmente durante a graduação em Pedagogia, contribuíram significativamente para a constituição da minha identidade como docente. Assim, compreendo que a

construção do “ser professora” não se deu apenas em espaços formais de formação, mas foi sendo tecida, de forma sensível e afetiva, desde a infância.

Com base no exposto, o objetivo geral deste trabalho consistiu em investigar de que maneira as memórias de infância contribuem na construção da identidade docente. Para tanto, buscou-se alcançar os seguintes objetivos específicos: compreender o significado de infância para o contexto educacional; identificar as principais inspirações de memórias na infância; identificar os fatores mais relevantes na construção da identidade docente; constatar a relação entre memórias e identidade docente na atualidade, conforme a literatura.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONCEITO DE IDENTIDADE NO CONTEXTO DOCENTE

A psicologia define o conceito de identidade, de modo geral, a partir de uma relação entre o aspecto individual (intrapsíquico) e o social (interpsíquico), no ser humano. De acordo com Silva e Jesus (2020), a compreensão de identidade reflete a intrincada relação existente entre o indivíduo, as demais pessoas e a sociedade. Assim, o autoconhecimento social do sujeito é moldado por suas interações com os outros, atribuindo a sua existência características únicas.

Ainda conforme os autores supracitados, a formação da identidade profissional ocorre a partir da valorização social da profissão, suas tradições e suas contradições, assim como da responsabilidade do educador em relação à sua função social, sua autonomia e seu compromisso com a educação. Esses elementos, que contribuem para a construção da identidade do professor, não surgem de forma espontânea. Além da influência social, as variadas experiências e a formação acadêmica, tanto inicial quanto continuada, formam a base que sustenta essa identidade, sendo moldadas e remodeladas em um processo contínuo, estreitamente relacionado à cultura e às exigências do ambiente em que o educador atua (Silva, Jesus, 2020).

A construção da identidade docente é um processo histórico e subjetivo, atravessado por diversas experiências de vida. As primeiras vivências escolares, os vínculos estabelecidos com professores e colegas, assim como as situações de acolhimento ou exclusão experimentadas durante a fase escolar, tendem a deixar marcas na constituição do sujeito que futuramente escolherá a docência como profissão. Para Josso (2004), essas experiências precoces se tornam marcos fundadores da trajetória formativa, constituindo uma memória formativa que orienta escolhas, concepções e posturas profissionais. Complementarmente, Vigotski (2007) destaca que o desenvolvimento da consciência se dá de maneira histórico-cultural, sendo as vivências sociais da infância elementos fundantes da personalidade e dos modos de ver o mundo.

Nesse sentido, tem-se que a construção da identidade se dá ao longo de toda a trajetória de vida, como afirma Moura (2015, p. 15):

São experiências, pessoais, profissionais e escolares que, quando articuladas, vão forjando e constituindo essa identidade. Lembranças da infância, que trazem a representação do ser professor, conhecimentos construídos enquanto alunos no processo formativo e saberes vivenciados como alunos desde a infância, significação social da profissão, conhecimentos pedagógicos, do diálogo entre a teoria e prática e de relações com um coletivo.

Ao tratar da prática de ensino e das ações dos professores, é imprescindível reconhecê-los como um espaço para a construção da identidade docente. Assim, o processo de formação é visto como um movimento interativo e flexível, voltado para enfrentar os vários desafios que a prática lhe apresenta, construindo-se como um processo de interação entre o saber e o conhecimento que está no núcleo da identidade pessoal, conforme afirmam Dourado, Silva e Santos (2017).

Diante desse contexto, tem-se que a identidade docente é construída a partir de uma junção entre práticas e memórias, assim como afirmam os autores supracitados. Tal relação acontece ao longo de toda a vida deste profissional, incluindo as ocorridas no passado. Para Dourado, Silva e Santos (2017) é necessário que o docente repense e reflita sobre suas práticas anteriores, revisitando suas memórias passadas a fim de reconstruir-se a cada dia e moldar-se às necessidades do presente e futuro, para que assim possa se tornar um profissional cada vez mais experiente e capacitado.

2.2 MEMÓRIAS DE INFÂNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

As memórias escolares não atuam de forma neutra, mas carregam afetos, significados e interpretações que dialogam com o presente do sujeito. Conforme aponta Bakhtin (2011), toda narrativa sobre o passado é uma construção social mediada pelo discurso, pela linguagem e pela posição ideológica do sujeito. Assim, quando o futuro professor rememora episódios da infância, ele recorda fatos e (re)constrói sentidos sobre sua própria identidade docente. Isso significa que o trabalho com a memória, especialmente em contextos formativos, é uma possibilidade de reconstrução crítica da própria história, como defendem Nogueira, Souza e Caldas (2023), ao analisar narrativas de professores sobre suas experiências escolares e familiares.

Segundo Tardif (2014), os saberes docentes não se restringem à formação universitária ou aos conteúdos disciplinares; ao contrário, são construídos ao longo da vida, sendo os saberes da experiência escolar um dos pilares desta constituição. A escola vivida na infância, portanto, se apresenta como um espaço de iniciação cultural (Josso, 2004), onde o sujeito aprende conteúdos, valores, normas, relações de poder e modelos de autoridade. Esses elementos são incorporados e, posteriormente, podem ser reproduzidos ou transformados pelo docente em sua prática pedagógica. A relação entre memória e identidade profissional, portanto, é indissociável do contexto social e cultural em que o sujeito foi escolarizado.

Ao resgatar as lembranças de sua infância, o professor elabora uma espécie de autoformação narrativa, conceito desenvolvido por Josso (2004) ao se referir à escrita e à rememoração como processos formativos.

[...] processo auto-reflexivo, que obriga a um olhar retrospectivo e prospectivo, tem de ser compreendido como uma atividade de auto-interpretação crítica e de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultural das referências interiorizadas pelo sujeito e, por isso mesmo, constitutivas da dimensão cognitiva da sua objetividade (Josso, 2004, p.60).

A narrativa autobiográfica permite ao docente olhar para sua trajetória com distanciamento reflexivo, compreendendo como suas escolhas, afetos e rupturas influenciaram a construção de seu ser professor. Bakhtin (2011), ao tratar da dialogicidade do discurso, reforça que toda rememoração é atravessada por vozes sociais, o que implica reconhecer que as memórias docentes não são exclusivamente individuais, mas também coletivas, fruto de experiências compartilhadas em um tempo e espaço determinados.

A partir das contribuições de Vigotski (2007), pode-se compreender que as interações sociais da infância, especialmente no ambiente escolar, têm papel estruturante no desenvolvimento cognitivo e afetivo do indivíduo. As primeiras relações com o conhecimento, com a autoridade do professor e com os colegas de turma se constituem como experiências que moldam atitudes futuras diante do processo de ensinar e aprender. Caldas (2022), em sua análise sobre professores aposentados, evidencia que muitos deles retomam suas memórias de infância como ponto de partida para compreender suas motivações e permanências na docência, reforçando o vínculo entre afetividade, memória e identidade profissional.

As experiências escolares da infância funcionam como um repertório simbólico que o futuro professor carrega consigo, influenciando sua visão sobre o que é ser professor, o que é ensinar e qual deve ser a função da escola. Tardif (2014) denomina isso de herança profissional, que se manifesta mesmo antes da formação acadêmica. Nogueira, Souza e Caldas (2023) observam que professores em formação inicial frequentemente relatam terem sido inspirados por experiências positivas com professores da infância, o que demonstra o impacto duradouro dessas vivências. No entanto, também há registros de memórias traumáticas que impulsionam o desejo de “não repetir” padrões vividos, num movimento de resistência e transformação.

As narrativas de si, ao trazerem à tona experiências marcantes da infância, constituem-se como ferramentas potentes no processo de formação docente. Ao compartilhar essas narrativas, o sujeito reconfigura sua trajetória, atribuindo novos sentidos ao passado e estabelecendo relações entre memória e prática. Para Bakhtin (2011), esse processo de ressignificação é sempre dialógico, pois envolve o outro, seja ele o leitor, o ouvinte ou o interlocutor pedagógico. Josso (2004) argumenta que o professor que reflete sobre sua trajetória tende a desenvolver

maior consciência crítica sobre os fatores que constituem sua identidade e seu modo de agir profissionalmente.

Nogueira, Souza e Caldas (2023), ao analisarem os relatos de docentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), evidenciam que a memória atua como um fio condutor da constituição da identidade profissional, revelando que a infância, longe de ser apenas uma fase da vida, é frequentemente evocada como matriz simbólica da docência. Ao lembrar seus próprios professores, as práticas escolares vividas e os contextos familiares, os docentes constroem uma narrativa que articula passado e presente, possibilitando compreender como esses elementos influenciam suas crenças pedagógicas e suas formas de mediação com os alunos.

A memória, conforme destaca Vigotski (2007), além de retenção, atua como reconstrução ativa de significados. Esse aspecto é essencial para compreender como as lembranças da infância são mobilizadas na formação do professor. A escola é um espaço de aprendizado formal, de socialização e de subjetivação. Josso (2004) afirma que a formação humana se dá de modo dinâmico, por meio de rupturas, permanências e ressignificações constantes, sendo a memória uma dimensão indispensável para esse processo. O professor que revisita sua infância está, na verdade, revisitando os fundamentos do seu próprio projeto de ser professor.

Memórias são construídas ao longo de nossas vidas, a partir das experiências vividas sob influência do meio o qual está inserido. Tal fato é confirmado por Braga, Ribeiro e Zaparoli (2020) quando os autores destacam que tais vivências são construídas no local em que moramos, no ambiente de trabalho, na igreja, na escola, dentre outros lugares de convivência social.

A atividade docente é lembrada e lembrada a cada vez que um profissional exerce a sua prática, trata-se de um ofício antigo que nos mostra o valor simbólico das memórias dos professores que já passaram na construção e reconstrução do ofício de mestre e da própria identidade de professor. O ser professor não é o ser sozinho, é o ser coletivo e de muitas memórias, de práticas passadas e repassadas por anos, de memórias construídas e reconstruídas é a memória coletiva em evidência. Quando nos revisitamos dessa forma, quando procuramos nos encontrar na História, na busca de nossa identidade de professores, essa busca reacende nossa memória e nossa identidade. Somos o lugar onde nos fizemos, somos as

pessoas com quem convivemos. Somos a História de que participamos. (Braga, Ribeiro e Zaparoli, 2020, p.2).

Nesse sentido, nota-se que as memórias, sejam elas criadas dentro ou fora do ambiente de trabalho, influenciam na construção da identidade profissional. Logo, tem-se que as memórias de infância também encontram-se, diretamente, relacionadas à construção da identidade docente. Com base nisso, Braga, Ribeiro e Zaparoli (2020, p. 3) destacam:

A memória possui um caráter construído a partir do social, ou melhor, a partir da sociedade onde todos vivem. A proposta de construção de uma identidade de professor elenca esse aspecto social da memória de professores, de suas experiências e vivências ligadas diretamente a aquilo que os professores são e fazem. A memória de um professor será de certa forma a memória de muitos outros, uma memória coletiva e essa coletividade é observada a partir do estabelecimento de normativas da educação que tentam homogeneizar a prática docente por todo o país.

Diante do exposto, tem-se que a memória coletiva dos docentes e a formação de sua identidade estão diretamente relacionadas a esse conceito, logo, não é possível desvincular a prática docente do que forma o profissional da educação, nem tampouco de suas trajetórias de vida, vivências e recordações. Portanto, as representações que essas memórias possuem para esses docentes são fundamentais no estudo e análise no campo da educação. Ser educador é uma extensão do que o profissional é fora do ambiente escolar, e as memórias fora do ambiente escolar também contribuem para sua formação. Em todos os instantes, dentro ou fora do ambiente escolar, nossas experiências, vivências e recordações, estão envolvidas nesse processo de construção e reconstrução de nossa identidade, de criação de nossa identidade como docentes.

3 METODOLOGIA

Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos, realizamos uma pesquisa bibliográfica, a partir da seleção de materiais publicados, tais como: artigos científicos, revistas online, monografias, sites da área da Educação, livros, dentre

outros, com a finalidade de melhor familiarizar-se e compreender a temática aqui abordada.

De acordo com Minayo (2001, p. 53):

A pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse. Esse esforço em discutir ideias e pressupostos tem como lugar privilegiado de levantamento as bibliotecas, os centros especializados e arquivos. Nesse caso, trata-se de um confronto de natureza teórica que não ocorre diretamente entre pesquisador e atores sociais que estão vivenciando uma realidade peculiar dentro de um contexto histórico-social.

Para tanto, optou-se por materiais publicados na língua portuguesa, que tratassem da temática estudada em questão, cuja única base de dados acessada foi a biblioteca da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). A busca foi realizada a partir das seguintes palavras-chave: identidade docente, memórias da infância, com publicação nos últimos cinco anos (GT08-Formação de Professores). Como critérios de seleção, inicialmente foram identificados 21 trabalhos. Após a leitura dos títulos, resumos e, quando necessário, do texto completo, verificou-se que 15 deles não possuíam relação direta com os objetivos deste estudo. Assim, foram incluídos apenas 6 trabalhos, por serem os únicos que atenderam integralmente aos critérios estabelecidos, abordando a temática de forma compatível com a proposta desta pesquisa.

O estudo adotou a abordagem qualitativa, que trata os dados “em forma de palavras ou imagens e não de números. [...] respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos” (Bogdan e Biklen, 1994, p.48), esta abordagem visa aprofundar a compreensão de grupos sociais, organizações, eventos, temas, etc. Segundo os autores supracitados, a pesquisa qualitativa caracteriza-se por situar o pesquisador no ambiente a ser estudado e focar em relacionar os dados fornecidos pelos sujeitos ao contexto do ambiente social e histórico em que eles foram construídos.

Nesse sentido, Minayo (2001, p. 22) ressalta:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser

quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Esse tipo de abordagem tem o ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, tornando os dados coletados principalmente descritivos, fazendo a preocupação com o processo muito maior do que com o produto, tornando a análise dos dados tendenciosa a um processo indutivo.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados aqui apresentados são baseados nos estudos realizados e publicados por: Azevedo e Almeida (2021), Silva (2015), Hage e Feldmann (2015), Martins, Costa e Lima (2021), Loss (2015) e Motta e Queiroz (2015), conforme discussões apresentadas anteriormente. Neste tópico, foi feita uma análise mais detalhada acerca dos trabalhos mencionados, que dialogam com a temática deste estudo, considerando o uso das memórias no processo de formação docente. Para tanto, inicialmente, o quadro 1 apresenta os trabalhos analisados nesta pesquisa.

Quadro 1: Apresentação dos trabalhos analisados nesta pesquisa

Autor(es)	Título	Ano
Ana Priscila de Lima Araujo Azevedo Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida	Construções de experiências no estágio supervisionado: as memórias como mobilizadoras de fazeres na formação de professores	2021
Arlete Vieira da Silva	Estágio: pesquisa-formação e escrita de si como prática de iniciação à docência	2015

Maria do Socorro Castro Hage Marina Graziela Feldmann	Histórias e memórias docentes na Amazônia Paraense: o cenário da formação do professor de educação infantil	2015
Elcimar Simão Martins Elisangela André da Silva Costa Maria Socorro Lucena Lima	Formação contínua de professores: reflexões a partir de cartas pedagógicas em um ateliê autobiográfico	2021
Adriana Salete Loss	A autoformação no processo educativo e formativo do profissional da educação	2015
Flávia Miller Naethe Motta Isabele Lacerda Queiroz	Do outro que me constitui: o PROINFANTIL e a construção da identidade docente	2015

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Azevedo e Almeida (2021) analisam como as memórias podem atuar como agentes mobilizadoras de fazeres na prática docente de licenciandos em pedagogia que ainda não atuam profissionalmente, especificamente durante o estágio supervisionado. Por meio de narrativas (auto)biográficas, o estudo evidencia que as vivências acadêmicas e formativas contribuem para a (re)criação de práticas e para a construção de sentidos sobre a docência.

Silva (2015) propõe o uso da pesquisa-formação com base no ateliê biográfico como dispositivo metodológico para o estágio supervisionado. A autora destaca que a escrita de memoriais permite aos estudantes-estagiários revisitar experiências pessoais, familiares e escolares, ressignificando aprendizagens e fortalecendo a identidade profissional docente.

Hage e Feldmann (2015) investigam histórias e memórias docentes na Amazônia Paraense, tomando como foco professores de educação infantil que atuam em escolas do campo. O estudo demonstra que o resgate de trajetórias formativas possibilita compreender desafios e necessidades desses profissionais, além de promover reflexões sobre a relação entre a identidade docente e o contexto social e cultural.

Martins, Costa e Lima (2021) discutem a formação contínua de professores a partir da escrita de cartas pedagógicas em um ateliê autobiográfico. As narrativas produzidas revelam memórias relacionadas à vida familiar, escolar, formação inicial, trajetória profissional e perspectivas futuras, evidenciando a interligação entre passado, presente e futuro na constituição do ser professor.

Loss (2015) aborda a autoformação como parte do processo educativo e formativo do profissional da educação, utilizando narrativas de si como recurso para o desenvolvimento pessoal, social e profissional. O estudo reforça a importância de que os cursos de formação docente promovam práticas reflexivas que estimulem o autoconhecimento e a autonomia.

Motta e Queiroz (2015) apresentam um recorte de pesquisa sobre o PROINFANTIL no município de Nova Iguaçu, analisando a construção da identidade docente de professoras da educação infantil. As autoras evidenciam que essa identidade é socialmente construída e continuamente transformada, sendo influenciada tanto pelas políticas públicas quanto pelas experiências formativas e profissionais.

De forma geral, todos os trabalhos analisados destacam o papel das memórias como recurso metodológico e formativo relevante para compreender e ressignificar práticas docentes. Contudo, observa-se que nenhum deles aborda especificamente as memórias de infância como foco central, concentrando-se majoritariamente em memórias relacionadas à trajetória escolar, acadêmica e profissional dos professores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso objetivou investigar de que maneira as memórias de infância contribuem para a construção da identidade docente, por meio de uma pesquisa bibliográfica, cuja fonte de dados foram os anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd. Os resultados aqui apresentados são baseados nos estudos realizados e publicados por: Azevedo e Almeida (2021), Silva (2015), Hage e Feldmann (2015), Martins, Costa e Lima (2021), Loss (2015) e Motta e Queiroz (2015). A análise permitiu constatar que, embora todos os trabalhos reconheçam o valor das memórias como recurso formativo e metodológico para compreender e ressignificar práticas docentes, nenhum deles tem como foco central as memórias de infância. As produções concentram-se predominantemente nas memórias escolares, acadêmicas e profissionais, evidenciando vivências ligadas ao processo de formação inicial e continuada e ao exercício da docência.

Além disso, ressalta-se que os estudos analisados reforçam a importância da prática reflexiva e da valorização das experiências vividas ao longo da trajetória docente, reconhecendo que estas são fundamentais para o fortalecimento da identidade profissional. Considera-se, portanto, que a presente pesquisa contribui para preencher uma lacuna no campo de estudos da formação de professores, ao propor o aprofundamento da análise sobre o papel específico das memórias de infância nesse processo. Por sua originalidade e relevância, este trabalho poderá servir de base teórica para futuras investigações e para o complemento de estudos já existentes, colaborando para a formação de profissionais da educação mais conscientes da influência que suas vivências iniciais exercem sobre sua prática pedagógica e sobre a constituição de sua identidade docente.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Priscila de Lima Araujo; ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de. Construções de experiências no estágio supervisionado: as memórias como mobilizadoras de fazeres na formação de professores. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, Anais GT08 – Formação de Professores. Rio de Janeiro, 2021.

BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAGA, C. M.; RIBEIRO, D. R.; ZAPAROLI, W. G. Os desafios da docência e a construção de uma identidade professoral. 7074 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020).

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação. Portugal: Porto, 1994.

CALDAS, I. F. A constituição da identidade profissional docente: narrativas de professores da UERN. 2022. 246 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/421b5401-307a-4e3f-9273-a253d57a1680>. Acesso em: 11 jul. 2025.

DOURADO, E. C.; SILVA, E. P.; SANTOS, E. M. S. Profissionalização e construção da identidade docente: da entrada na profissão à formação superior em exercício. 38ª Reunião Nacional da ANPEd –UFMA – São Luís/MA, 01 a 05 de outubro de 2017.

HAGE, Maria do Socorro Castro; FELDMANN, Marina Graziela. Histórias e memórias docentes na Amazônia Paraense: o cenário da formação do professor de educação infantil. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, Anais GT08 – Formação de Professores. Florianópolis, 2015.

JOSSO, M. C. Experiências de vida e formação. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOSS, Adriana Salete. A autoformação no processo educativo e formativo do profissional da educação. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, Anais GT08 – Formação de Professores. Florianópolis, 2015.

MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; LIMA, Maria Socorro Lucena. Formação contínua de professores: reflexões a partir de cartas pedagógicas em um ateliê autobiográfico. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, Anais GT08 – Formação de Professores. Rio de Janeiro, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTTA, Flávia Miller Naethe; QUEIROZ, Isabele Lacerda. Do outro que me constitui: o PROINFANTIL e a construção da identidade docente. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, Anais GT08 – Formação de Professores. Florianópolis, 2015.

MOURA, A. P. A. Construção da identidade do docente da educação de jovens e adultos: contribuições da prática de ensino e da extensão universitária. 37ª Reunião Nacional da ANPEd – UFSC - Florianópolis, 04 a 08 de outubro de 2015.

NOGUEIRA, K. I. M.; SOUZA, J. M.; CALDAS, I. F. Memória e identidade profissional docente. In: Congresso Nacional de Educação – CONEDU, 10., 2023, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: Realize Editora, 2023. Disponível em:

https://mail.editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2023/GT01/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD5_ID3648_TB1216_23112023152126.pdf. Acesso em: 11 jul. 2025.

SILVA, Arlete Vieira da. Estágio: pesquisa-formação e escrita de si como prática de iniciação à docência. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, Anais GT08 – Formação de Professores. Florianópolis, 2015.

SILVA, S. S. L.; JESUS, D. C. S. Representações sociais e identidade docente: um estudo com professores-alunos do PROFEBPAR/UFMA. Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2020.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. BRAGA, C. M.; RIBEIRO, D. R.; ZAPAROLI, W. G. Os desafios da docência e a construção de uma identidade professoral. Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO), 2020.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por me guiar até aqui e por tudo que Ele fez em minha vida, principalmente por me dar forças nos dias em que me sentia incapaz, e por estar comigo nos dias em que eu chorava sozinha e longe de casa. Não foi fácil chegar até aqui, mas com Ele me dando coragem, eu consegui.

Aos meus pais, que com muita luta nunca me deixaram faltar nada. À minha mãe, que com todo cuidado sempre me ajudou e me confortou nas idas nos finais de semana para casa, e por sempre me incentivar e me dar forças. Ao meu pai, por todas as mensagens de carinho, por todo o cuidado e pela vontade de me ver crescer, que ele sempre teve. E por cada oração que fizeram por mim, que sem dúvidas me confortava e me trazia paz nos momentos que eu mais precisava.

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram, me ajudaram e, de longe, me deram forças para seguir. Todos eles, mesmo sem saber, me ajudaram de alguma forma: tios(as), primos(as) e meus avós — os paternos, que não estão mais

presentes, mas que de longe sempre me deram muita coragem para seguir em frente. Sei que, onde quer que eles estejam, estão muito felizes por mim. Meus avós maternos sempre estiveram ao meu lado; apesar da distância, sempre arrumaram um jeitinho de me ajudar e apoiar em tudo que fosse para o meu crescimento pessoal. Vovô Alberto Pereira sempre dizia que iria ver seus netos formados, e em muitos dias eu me pegava chorando, com medo e querendo desistir, mas ele estava lá me fazendo lembrar do meu propósito, mesmo que em pensamento. Meu coração nunca esteve distante do dele, nem do de vovó Maria de Lourdes, que com sua personalidade me inspira a conquistar meus objetivos e ir além. Meus avós maternos, Maria Salate e Zé Angélica, sempre me ajudaram e se preocuparam em me ver bem. Eles, que não tiveram a oportunidade de ter uma graduação, sempre buscaram que nós pudéssemos mudar essa história e trilhar caminhos diferentes dos seus.

Durante esses longos anos, tive muitas pessoas maravilhosas ao meu redor, que não são família de sangue, mas que de coração sempre foram. Minhas madrinhas: Alcione Carla, por ser pedagoga e sempre me incentivar, inspirar e até me ajudar a entender as coisas no início do curso, quando eu não conseguia aprender algo — ela sempre estava lá, me ajudando no período da pandemia. E Maria Verônica, por sempre me acolher nos finais de semana, quando eu estava longe de casa; lá eu encontrava conforto e acolhimento, e tentava distrair minha mente dos problemas que eu enfrentava sozinha quando estava em Angicos-RN.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram, e que, apesar da distância, nosso laço nunca diminuiu. A gente sempre dava um jeito de se manter próximo, mesmo que fosse para brigar em um domingo à tarde, quando o dia estava entediante. Gostaria de agradecer em especial ao meu amigo Diógenes Silva, por me incentivar a vir estudar longe de casa e por ter sido uma das pessoas mais importantes nesse processo. Ele nunca soltou minha mão, até mesmo quando eu não tinha coragem de ir — ele estava lá, dizendo que eu conseguiria. E foi nesse percurso que fiz amigos na UFERSA, aos quais agradeço a cada um deles: meus colegas de classe, em especial meu grupo com quem eu tinha mais proximidade. E também aos vínculos que construí fora da UFERSA, em especial ao meu amigo Isaac Lucas, que sempre esteve ao meu lado, me ajudando em tudo que eu

precisava. Ele estava lá quando, longe de casa, eu não tinha ninguém; eu sei que podia contar com ele.

A UFERSA, por me acolher nesses anos de estudo e por me tornar alguém melhor e diferente da pessoa que entrou. Aos meus professores, por todos os aprendizados e incentivos durante as aulas, que com muita paciência me ensinaram da melhor forma sobre a educação. E, em especial, ao meu orientador, Dr. Evanilson Gurgel, por me guiar e apoiar nesse período.

Por fim, a vocês, meu muito obrigada por tudo. Sem vocês, eu não teria chegado até aqui. Vocês têm suma importância na minha trajetória, e eu espero dar muito orgulho e levar tudo o que aprendi sobre educação adiante, da melhor forma possível.